

## **“Deixem as Mulheres que não Querem Filhos em Paz”: a Questão Materna nas narrativas produzidas por mulheres em ambientes online<sup>1</sup>**

Ana Luiza de Figueiredo SOUZA<sup>2</sup>  
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### **RESUMO**

Narrativas pessoais de mulheres sobre a questão materna têm sido produzidas em mídias digitais. Contudo, a temática da não maternidade costuma ser menos abordada, mesmo diante do aumento do número de brasileiras que não são mães. Inspirado na abordagem da análise de discurso mediada por computador, o artigo analisa os âmbitos de produção e recepção do *post* “Mulheres que não desejam filhos”, feito por uma das maiores páginas que discutem a questão materna no site de rede social Facebook, Quartinho da Dany. O objetivo é identificar eixos discursivos e *affordances* mobilizados em torno da não maternidade. Conclui-se que esse aspecto da questão materna gera conflitos diante de diferentes posicionamentos e projetos de vida, bem como redes de apoio.

**PALAVRAS-CHAVE:** maternidade; narrativas pessoais; questão materna; mídias digitais; sites de redes sociais.

### **Introdução**

“Ser mãe é super difícil, mas é a melhor coisa do mundo. Quem deixa de ser mãe está perdendo com certeza”; “Childfree feliz! Amo demais minha vida desse jeitinho. Em busca da tão sonhada laqueadura”. Comentários como esses foram deixados em uma postagem da página materna Quartinho da Dany, no Facebook, que abordava os preconceitos em torno de mulheres que não desejam a maternidade, também conhecidas como childfree (CF). A publicação, visível na figura 1, chegou a ser repostada mais duas vezes, no dia cinco de outubro de 2017 e no dia três de janeiro de 2018, sendo compartilhada por diferentes páginas e perfis pessoais até hoje. Desde a primeira postagem, obtive milhares de compartilhamentos e respostas vindas quase exclusivamente de mulheres que, por meio do relato de suas vivências maternas particulares, debatiam o que aqui se chama questão materna – as práticas, disputas, valores e construções culturais, sociais e políticas em torno da maternidade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF. Bolsista CAPES-PROEX. Integrante do grupo de pesquisa MiDICOm, e-mail: analuiza.dfigueiredo@gmail.com.

**Figura 1 – Postagem “Mulheres que não desejam filhos”**



Coletada em: 06 jul. 2018

Tais discussões se intensificaram nos últimos anos. Diante de um cenário midiático que majoritariamente retrata a maternidade como experiência de plenitude, demandando preparo e dedicação por parte das mães, (MENDONÇA, 2014; FISCHER, 2001; TOMAZ, 2016), produções de diferentes mídias<sup>3</sup> se preocupam em mostrar seus aspectos problemáticos, expondo os variados conflitos, desgastes e frustrações que a envolvem. Buscam, ainda, problematizar a noção de que a maternidade seria necessária a todas as mulheres, questionando a forte associação entre ela e a identidade feminina.

Parte importante desses debates ocorre em plataformas digitais<sup>4</sup>, especialmente o site de rede social Facebook (páginas maternas, conteúdos sobre a maternidade na

<sup>3</sup> Como exemplos podem ser citados os programas televisivos Papo de Mãe (TV Cultura) e Mãe Possível (GNT), a websérie Deu Positivo (Hysteria), o seriado ficcional Turma do Peito (Netflix) e o Seminário Internacional de Mães, um dos maiores eventos sobre maternidade do Brasil.

<sup>4</sup> Conforme observado por pesquisa de mestrado em andamento, na qual mapearam-se mídias cujo objetivo é abordar a questão materna. Entre elas, as mais abundantes são as plataformas digitais, sobretudo as localizadas no Facebook e na blogosfera.

*fanpage* de veículos midiáticos, publicações em perfis pessoais) e na blogosfera materna. Muitas vezes, páginas sobre maternidade derivam desse tipo de blogs.

É o caso da *Quartinho da Dany*, que surgiu em 2008 como blog para discutir ou aconselhar sobre os medos e dificuldades enfrentados pelas mães. Em 2014, começou a comercializar produtos infantis (roupas, brinquedos, fraldas), ganhando uma aba voltada exclusivamente às vendas. A página no Facebook, então, passou a abrigar tanto publicações relativas à loja quanto à questão materna, estas últimas majoritárias. A *Quartinho da Dany* ganhou maior projeção a partir da repercussão de postagens que tratavam das abnegações e obstáculos maternos, sendo inclusive pauta de algumas matérias jornalísticas. Uma delas tem o link informado na seção “Sobre” da página (MÃE, 2016), o que revela a importância que sua divulgação teve para a autora.

O ciberespaço comporta distintas plataformas que possuem o que Danah Boyd (2011) chama de *affordances*, recursos e características dos quais os públicos em rede podem fazer uso para finalidades variadas. Contudo, essas próprias plataformas podem abarcar vários campos comunicacionais – utilizando o termo empregado por Polivanov e Santos (2016) –, espaços com ferramentas e limitações específicas dentro deles.

No caso do Facebook, é possível apontar subcampos privados/individuais e públicos/coletivos, dos quais os sujeitos se apropriam para construir identidade e sociabilidade. Assim, a página materna *Quartinho da Dany* seria um campo comunicacional dotado de subcampos como as seções “Página Inicial”, “Publicações”, “Vídeos”, “Fotos”, “Sobre”, “Comunidade”, “Informações e Anúncios”, “Grupos”, “Eventos” e, por se tratar de uma página também dedicada ao comércio, “Ofertas”, “Loja” e “Promoções”. Há ainda as postagens e a seção de comentários de cada uma, que também podem ser enquadradas na categoria de subcampos comunicacionais.

Tendo em vista as dinâmicas identitárias e relacionais possibilitadas por mídias digitais como o Facebook e a importância deste último para o debate sobre a questão materna no Brasil, a primeira publicação da postagem “Mulheres que não desejam filhos” mostra-se particularmente interessante por a) ter sido feita em uma das páginas maternas mais influentes e que, como boa parte das que debatem a questão materna, também surgiu de um blog sobre maternidade; b) ser a que teve maior repercussão entre as três vezes em que o mesmo conteúdo foi postado; c) possuir, devido a isso, grande número de comentários feitos por mulheres com os mais variados posicionamentos sobre a maternidade e d) tratar de um aspecto da questão materna que, apesar de

discutido, não costuma ter destaque nas mídias voltadas para tal debate, inclusive a *Quartinho da Dany* – a escolha por não ser mãe.

Assim, o artigo analisa a postagem “Mulheres sem filhos” e seus comentários mais representativos visando apontar as apropriações feitas pelas participantes da discussão no que tange às *affordances* presentes tanto no campo de postagem (âmbito da produção) quanto na seção de comentários (âmbito da recepção) e, por outro lado, identificar os eixos discursivos por elas mobilizados. O objetivo é revelar que tipos de narrativas pessoais sobre a questão materna vêm sendo produzidas nas mídias digitais, especificamente em uma das mais acionadas para tal, o Facebook. Para isso, apoia-se no método da análise de discurso mediada por computador (ADMC), que considera os diferentes elementos textuais, gráficos (figuras, fotos, emojis) e adjacentes (fenômenos sociais, significados) ao analisar conteúdos produzidos em ambientes online.

### **A Questão Materna Ontem e Hoje**

A especialista em estudos maternos Andrea O’Reilly (2013) defende que a cultura patriarcal sustenta pressupostos ideológicos que, ao definirem o significado da maternidade e da maternagem – o trabalho de cuidar e educar os filhos – as tornam opressivas para as mulheres. Entre eles, estão as ideias de que a maternidade é: fundamental à identidade feminina; uma tarefa centrada na figura da mãe e restrita à esfera reprodutiva doméstica; natural para as mulheres, de forma a já saberem maternar espontaneamente; idealizada por modelos maternos inatingíveis que reforçam as expectativas das mães sobre si mesmas e as da sociedade sobre as mães.

Este último pressuposto relaciona-se com o que a historiadora Elisabeth Badinter (2011) entende como consequências da implementação da ideologia maternalista na França do século XVIII, que influenciou não apenas os países europeus e suas colônias, mas também, por meio de sua perpetuação, o imaginário materno ocidental contemporâneo, que ainda exige das mulheres uma maternagem devotada, responsável, muitas vezes, por conflitos e sofrimentos vividos pelas mães.

Tal conjuntura ajuda a entender a crescente recusa e/ou adiamento da maternidade no Brasil. Segundo dados da mais recente Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios, do IBGE, o índice de brasileiras sem filhos em 2014 era de 38,4%, o maior da última década (NÚMERO, 2016). O percentual de casais sem filhos também aumentou, indo de 15,2% em 2005 para 19,9% no ano passado (VELASCO, 2017).

Apesar disso, as não mães ainda são minoria no país, e é comum reportarem casos de preconceito diante de sua opção por não ter filhos ou mesmo de sua impossibilidade de gerá-los ou adotá-los. Essas denúncias<sup>5</sup> são especialmente visíveis em respostas a conteúdos relativos à maternidade que circulam em sites de redes sociais, sobretudo no Facebook, no qual páginas dedicadas ao movimento *childfree* – que busca dar visibilidade e valorizar o estilo de vida sem filhos – podem ser encontradas com a mera digitação do termo na barra de buscas.

Badinter (2011) aponta que, no geral, mulheres que não desejam filhos possuem discursos sobre a maternidade mais alinhados aos ideais maternos tradicionais (devoção, amor incondicional, maior responsabilidade sobre o cuidado e a educação da prole, disposição a fazer sacrifícios por ela), enquanto as mães tendem a ser mais flexíveis. Mesmo assim, o ideal materno – que pode ser associado ao pressuposto ideológico da idealização (O'REILLY, 2013) – irrompe em momentos de crise, quando as mães sentem culpa por não conseguirem decidir qual aspecto priorizar em suas vidas.

A existência de estruturas socioeconômicas que dificultam o cotidiano de quem possui filhos influencia esse cenário. No Brasil, podem ser elencados problemas como a falta de creches, a precariedade de serviços públicos como assistência social e saúde, a alta mensalidade das escolas, a recriminação sofrida pelas mães por não alcançarem o ideal materno e a dificuldade que enfrentam para manter e/ou conseguir emprego tendo filhos. Uma pesquisa da Escola de Economia e Finanças da Fundação Getúlio Vargas realizada entre 2009 e 2012 mostrou que 48% das mães brasileiras perdem o emprego após a licença-maternidade (ALVES, 2017) e parte considerável das mulheres vê suas oportunidades de trabalho reduzidas após se tornarem mães (MARTINS, 2018).

O segundo fator apontado por Badinter (2011) para a sobrecarga materna e a recusa/adiamento da maternidade é a visão cultural da figura da mãe. No Brasil, é possível traçar um paralelo com a figura materna idealizada no período colonial. A historiadora Mary Del Priore (2009), por meio da recuperação de situações vividas por mulheres comuns da época, elenca práticas culturais e representações simbólicas relacionadas à maternidade – gravidez, parto, cuidados com os filhos – cuja pretensão era “domesticar” a vida das mulheres por meio de seu papel de mãe, mantendo-as

---

<sup>5</sup> Em trabalho anterior, a ser publicado nos anais eletrônicos do X Simpósio Nacional da ABCiber, exploro os comentários de mães e mulheres sem filhos nos *posts* de duas páginas do Facebook que compartilharam a mesma matéria relativa ao preconceito enfrentado por estas últimas, apontando as tensões e disputas presentes nas narrativas postadas.

confinadas ao lar. Essa domesticação feminina também buscava preencher um território extenso, que a metrópole pretendia povoar mais rapidamente. Ter filhos, então, passou a ser encarado como sinal de prestígio para as famílias, sobretudo para a mulher-mãe que, fosse das classes abastadas ou populares, livre ou escrava, ganhava maior importância ao ser capaz de gerar e manter uma prole numerosa. Conforme defende Del Priore: “a maternidade apagava as diferenças raciais, culturais e econômicas mais candentes e prestava-se a ser o instrumento de integração do gênero ao projeto colonial” (p.42), servindo de abrigo contra a misoginia, o desemprego e a exploração sexual e doméstica.

A Igreja Católica ajudou a criar a devoção diante das mulheres que conseguiam ser mães, o que lhes encorajava a sobreviver às precárias condições financeiras, emocionais e de saúde agravadas pela maternidade. A superação desses percalços servia de referência às demais mulheres, transformando o sofrimento em caminho para o que se considerava a máxima expressão de felicidade feminina: a experiência materna.

Com a independência, as elites locais espelharam-se na França, trazendo consigo a ideologia maternalista que pregava o amor inato de toda mãe pelos filhos. A inspiração eurocêntrica persistiu até o século XIX, em que a medicina social atuou para modificar a conduta física, moral e sexual da família burguesa citadina, com foco na orientação do papel da mulher-mãe (COSTA, 1999). Seria ela a responsável pela saúde e instrução da família. No século seguinte, sob influência do discurso maternalista que se instaurava na Europa pós-guerra e da necessidade de diminuição da mortalidade infantil que afastava o país do ideal progressista, o regime republicano reforçou esse lugar social da mulher, contando com o apoio de muitas brasileiras que viam em sua função materna e educativa um bom pretexto para reivindicar direitos (FREIRE, 2009).

Apesar de a maternidade ter sido tratada como parte de projetos nacionais, interesses e demandas particulares perpassaram as performances maternas ao longo dos últimos séculos, tornando-se ainda mais fortes no momento contemporâneo. Anthony Giddens (2002) aponta como a identidade passou a ser um empreendimento reflexivamente organizado, o que em muito se deve à possibilidade identificada por Simmel (1983) de os sujeitos escolherem e planejarem seus cursos de vida na era moderna, com objetivos que não eram mais pré-determinados por instâncias sociais, como ocorria nas sociedades tradicionais, e sim por motivações próprias.

Conforme pontua O’Reilly, os pressupostos ideológicos sobre a maternidade, por se tratarem de construções, podem ser desconstruídos culturalmente, uma vez que

---

não seriam naturais ou indispensáveis à maternagem – e, estendendo seu pensamento, nem às mulheres. A historiadora Margareth Rago (1998) defende que, ao falarem de suas experiências, as mulheres ajudam a romper imposições hierarquizantes e misóginas. Tratar-se-ia de um processo de construção de narrativas paralelas ao discurso dominante – no caso, o de que a maternidade é necessária para a existência feminina.

### **Procedimentos Metodológicos**

A abordagem da ADMC – proposta por Susan Herring em 2004 e em constantes atualizações desde então – divide a linguagem mediada por computador em quatro níveis macro (Estrutura, Significado, Gerenciamento de Interação e Fenômeno Social), que possuem três elementos constituintes: questões que aparecem; o fenômeno que vai ser analisado; e métodos que se podem usar para investigá-lo. Interessa ao artigo explorar os níveis Significado e Fenômeno Social.

O nível Significado diz respeito às pretensões tidas ao acionar a linguagem mediada por computador, como são comunicadas e qual o resultado dessa comunicação, o que é feito com e a partir dela. Para isso, observam-se o significado das palavras, os atos da fala e as trocas de significação por meio do uso da semântica e de uma visão pragmática da linguagem, atenta a seus desdobramentos e efeitos práticos. O nível Fenômeno Social se relaciona às dinâmicas sociais, relações de poder e aos conceitos de identidade, comunidade e diferenças culturais e/ou sociais. Para tanto, atenta-se às expressões linguísticas que denotam status, conflitos e negociações, além de observar o estilo e as particularidades dos discursos investigados. Tal acompanhamento é feito utilizando metodologias como a análise crítica do discurso e a etnografia da comunicação, que aqui foram adaptadas para análise de conteúdo.

A inspiração nos preceitos da ADMC mostrou-se adequada para analisar materiais que misturam *affordances* específicas e elementos de diferentes tipos, envoltos tanto na cultura digital quanto na materna. Devido ao grande número de comentários feitos ao *post* “Mulheres que não desejam filhos”, adotou-se o procedimento metodológico cunhado pela dissertação em andamento: a apresentação e análise, em ordem cronológica, dos comentários que representam os principais “marcos” da discussão. Dessa forma, é possível demonstrar o encadeamento das narrativas obtidas no âmbito da recepção, bem como os eixos discursivos acionados. Para resguardar as autoras, seus sobrenomes e fotos de perfil foram suprimidos.

## Âmbito da Produção – Enfoques e Rupturas

Com 154.889 curtidas e 155.829 seguidores, a página Quartinho da Dany obtém bastante engajamento por parte do público em suas publicações, especialmente em conteúdos que abordam a questão materna<sup>6</sup> e as dificuldades maternais<sup>7</sup>. Em análise exploratória realizada nas postagens dos últimos três meses (maio, junho e o início de julho de 2018), foi possível perceber que as mães constituem o público que mais interage com os *posts*, sobretudo as de filhos pequenos. As reações (‘amei’, ‘uau’, ‘haha’ e ‘grr’) e comentários partem quase exclusivamente de mulheres, sendo que muitas postagens não recebem sequer uma curtida vinda de perfil pessoal masculino. A página é administrada por sua criadora, a professora niteroiense automeada feminista Dany Santos. Mãe de dois meninos, publica suas dificuldades, conquistas e reflexões maternais, aliando esse conteúdo a postagens dos produtos de sua loja infantil.

Pode-se perceber, pela figura 1, que a postagem “Mulheres que não desejam filhos” é dividida em duas partes complementares: o texto que acompanha o *post* e a imagem que o compõe, sendo que a parte textual constitui seu aspecto mais relevante. O primeiro texto traz uma série de afirmativas cujo cerne é o de que a felicidade é encontrada de formas diferentes por cada mulher. Pode-se associar essa ênfase na particularização dos indivíduos e em seu poder de escolha às proposições de Simmel (1983) e Giddens (2002) sobre a importância que a possibilidade de decidir as próprias aspirações ganha para o sujeito (pós-)moderno, fortemente influenciada pela cultura de consumo que, a todo momento, oferece opções de produtos e estilos de vida aos potenciais consumidores que, por sua vez, precisam se posicionar diante delas.

No caso específico da maternidade, a questão da escolha pessoal ganha peso ao se considerar que as mulheres, desde novas, são socializadas de forma a entendê-la como um destino que se concretiza de um modo ou de outro. É o que as participantes de discussões sobre a questão materna em mídias digitais – incluindo a Quartinho da Dany – chamam de maternidade compulsória. Nela, o desejo maternal não surge de um processo de reflexão da mulher sobre o que almeja de sua vida, mas de uma prolongada

---

<sup>6</sup> Conforme pode ser visto na postagem do dia 20 de junho de 2018, disponível em: <<https://www.facebook.com/quartinhodadany/posts/1573291999447298>>.

<sup>7</sup> Como na postagem do dia 07 de julho de 2018, visível em: <<https://www.facebook.com/quartinhodadany/posts/1598318096944688>>.



construção sociocultural que coloca a vontade (ou o instinto) de ser mãe como um dos fundamentos da identidade feminina. “Há quem encontre a felicidade tendo filhos. Há quem encontre a felicidade viajando o mundo”. As afirmativas se relacionam com processos de construção identitária autorreflexivos, em que o sujeito – a mulher – pode escolher as práticas que melhor o contemplam. Não se trata de encorajar ou refutar a maternidade, mas de compreender tais empreendimentos no âmbito da vontade individual, em vez de encará-los como imposições.

Já o texto contido no quadro intitulado “Mulheres que não desejam filhos” rebate uma série de premissas que costumam ser acionadas quando se trata daquelas que não pretendem ser mães. Se a imagem materna – que molda a figura feminina – é de uma mulher generosa, centrada e que sabe lidar com crianças, o oposto é atribuído à não mãe. A antropóloga Orna Donath (2017) apresenta a dicotomia imagética da “boa mãe” e da “mãe ruim”, a partir da qual as mães são avaliadas não apenas em relação a sua maternagem, mas a suas atitudes enquanto mulheres “certas”, que conseguem criar os filhos da melhor maneira. Nesse sentido, não desejá-los pode ser lido como um desvio do ideal feminino esperado socialmente, o que caracterizaria essas mulheres como “erradas”, “defeituosas”. A postagem se contrapõe a tal interpretação ao afirmar que elas “não são menos mulheres”, validando sua experiência como compatível com o universo/identidade femininos. Ao destacar graficamente (letras maiúsculas; centralização do imperativo “respeitem”) a afirmativa de que dispensam explicações e demandar respeito às não mães, o *post* mais uma vez se aproxima da ideia de construção identitária baseada em escolhas particulares, deslocando a maternidade do eixo coletivo ao qual foi historicamente associada.

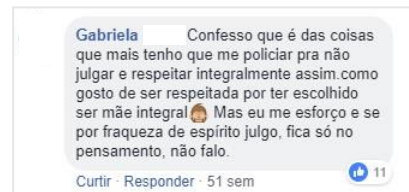
Desse modo, a postagem pode ser interpretada como uma ruptura de performances idealizadas da maternidade (SOUZA e POLIVANOV, 2017), instigando a produção de comentários que efetuem movimento semelhante.

### **Âmbito da Recepção – Redes de Apoio e Tensões**

Conforme mostra a figura 1, o *post* “Mulheres que não desejam filhos” recebeu 28 mil reações (24 mil curtidas, 4,3 ‘amei’, 79 ‘haha’, 73 ‘uau’, 16 ‘triste’ e 9 ‘grr’), mais de 133 mil compartilhamentos e 3,7 mil comentários, a maioria de mulheres.

O primeiro comentário recebido pode ser visto na captura de tela ao lado. A valorização e o respeito às escolhas pessoais de cada mulher voltam a ter destaque, apesar de Gabriela admitir sua dificuldade em fazê-lo – expressa inclusive pelo emoji de macaco com olhos fechados, em sinal de constrangimento.

Por ser uma página cujas publicações são mais voltadas às mães, elas escrevem boa parte dos comentários da postagem, provavelmente pelo hábito de terem suas perspectivas e interesses abordados pela Quartinho da Dany. Isso explica a centralidade que concedem a seus pontos de vista. Apesar do foco do *post* estar nas mulheres que não desejam a maternidade, são as mães que mais se apropriam do espaço de fala (ou de escrita). Isso faz com que mulheres sem filhos e mães que queiram apoiá-las disputem pelo predomínio de narrativas mais alinhadas aos problemas enfrentados por aquelas que não desejam a maternidade, como pode ser visto a seguir.



A noção de reciprocidade é presente nas narrativas. A violência com que as mães são tratadas também é vivida por mulheres que não querem filhos, bem como o respeito ao projeto de vida alheio torna-se premissa para ter o próprio estilo de vida respeitado.



Reflexos da imagem da “mãe ruim” – ou, como ampliação do conceito, da mulher “errada” – são percebidos na maneira como as mães descrevem o movimento e as mulheres childfree (CF). Más, desrespeitosas, agressivas. Ao longo da discussão, a temática childfree aparece de diferentes formas, visíveis abaixo.

**Mony** Não é isso. Só não somos obrigados a aguentar vocês e seus rebentos.

**Mony** Eu amo crianças... BOAZINHAS. Se for um mini mal educado que a mãe não impõe limites, eu voto no chão, mesmo.

**Maryanna** Essa nata do movimento childfree me enoja, são mulheres contra mulheres, e o que na verdade uma das pautas do movimento childfree devia defender é o fim do preconceito que as mães solo sofrem no Brasil, como dificuldade de encontrar empregos.

**Fabiane** você é uma ser humano desprezível, mas horrrosa desse jeito, ninguém jamais vai querer um filho com você, se olhe no espelho

**Steph** Tô vendo essas mamães xingando quem é childfree e depois dizendo q amor de mãe muda a pessoa pra melhor

**Marília** Pode colocar aí: e não precisam se auto intitular Childfree

**Jaqueline** Muitas mulheres se intitulam guerreiras por terem parido uma criança. Entendeu?

**Marília** Filha, toda mãe é uma guerreira. 😊 Elas não precisam nem se auto intitular. É inerente à condição.

**Jaqueline** UE, mamãe pode se intitula guerreira e as Cf não pode se intitular? Ata, continua sendo escrito.

Nas respostas ao comentário de Raquel, Mony rebate o argumento de que as childfree, como ela, odeiem crianças e mães, mas se refere a elas com certo desprezo. A mãe Maryanna atribui ao movimento CF uma pauta que nunca reivindicou, visto que não é voltado para a solução de problemas das mães. A também mãe Fabiane tenta diminuir o discurso de uma participante CF da discussão (cujos comentários foram excluídos) por sua aparência, caindo em um recurso machista que utiliza atributos físicos para qualificar mulheres. Já Steph aponta para a incoerência de mães que pregam as mudanças causadas pelo amor materno (em clara associação aos valores tradicionais da maternidade), mas são agressivas com quem não deseja filhos. Até a metade dos comentários ao *post*, narrativas que revelam o atrito entre mães, mulheres identificadas como childfree e demais participantes que se aliam a um dos lados – como as de Marília e Jaqueline – são alvo de muitas reações e respostas que, na maioria das vezes, terminam em ofensas e ironias.

A animosidade com mulheres que não querem filhos também é denunciada por participantes cujas narrativas não as identificam como CF, e que recebem apoio de muitas mães entre os comentários, conforme visto abaixo.

**Linda** Adorei o post! Me senti representada! Sempre falo que não quero ser mãe e recebo inúmeros questionamentos e olhares atravessados.

**Cris** Concordo plenamente, sou mãe, mas não incentivo ninguém a ser rs (não vou incentivar nem minha filha) incentivo a estudar, se formar, viajar muito, conhecer outras culturas... Não concordo com essas mães que acham que só quem é mãe que é feliz.

**Fátima** Minha prima não quer ter filhos e conheço muitas outras mulheres que não querem. Essas que são minha amigas vieram no chá de fralda, aniversário da minha filha e são amorosas. É um escolha pessoal.

**Viviane** É isso que o povo n entende! Não somos bruxas endiabradas! Povo generaliza demais...

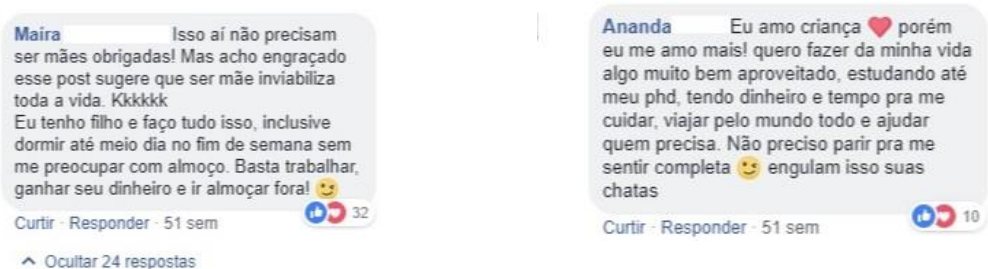
É possível inferir que o uso do termo childfree desencadeie respostas mais agressivas por parte de mães e mulheres que relatam terem más experiências em páginas

do movimento CF no Facebook. Assim como supor que o apoio às mulheres sem filhos surja devido a uma pré-disposição do público da Quartinho da Dany – que sempre debate a questão materna – a aceitar problematizações relativas à maternidade. Porém, ainda existem conflitos entre posicionamentos, como ocorre abaixo.

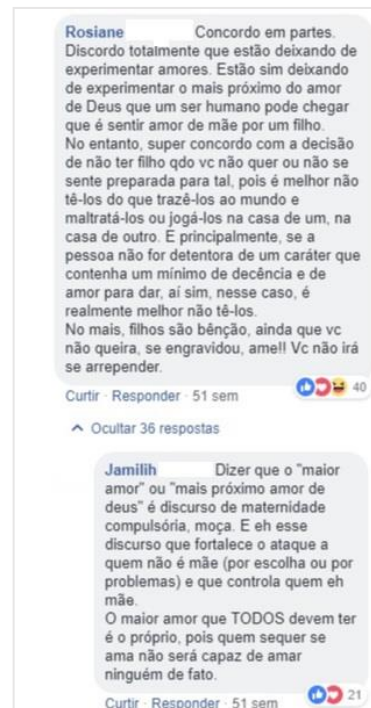
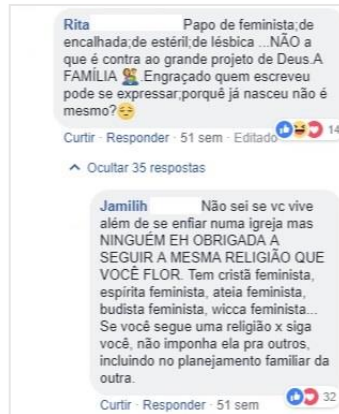


Algumas mães, como Regina, encaram a não vivência da maternidade como uma perda e são rebatidas sob o eixo discursivo de que existem outros amores além do materno. O apego a ele muitas vezes é encarado como falta de autoestima ou compensação por frustrações. Já Marcela atenta para o que chama de real questão da postagem – a maternidade compulsória, o poder de escolha das mulheres sobre a decisão de ser mães –, implicitamente criticando as narrativas que debatiam o fato de a maternidade não impedir viagens, estudos ou lazer, como poderia ser interpretado pelo *post*. Porém, é respondida por uma mãe que aciona o mesmo tópico. Por fim, Jane – que usa a *affordance* de edição de comentários para mudar seu texto devido às críticas que recebe – afirma que o discurso de apoio feito pelas mães está condicionado a atitudes por parte das mulheres que não desejam filhos que podem ser tomadas como maternais: cuidar e gostar da convivência com crianças. Tal percepção – apoiada por curtidas e, presumivelmente, caçoada pelas reações ‘haha’ – se alinha ao que O’Reilly (2013) e Donath (2017) apontam sobre fatores adquiridos com a maternidade serem tomados como inerentes a qualquer mulher, o que incluiria sua disposição para maternar.

O argumento de Badinter (2011) de que mulheres que não desejam filhos enxergam a maternidade como mais limitadora do que as mães se confirma em vários comentários, como na contraposição entre as visões de Amanda e Maíra.



Já o discurso religioso, que tanto na tradição francesa quanto na cultura colonial brasileira servia para justificar e enaltecer a maternidade (BADINTER, 2011; DEL PRIORE, 2009), continua presente nas narrativas maternas, sobretudo diante de mulheres que não desejam ser mães. Porém, é percebido como equivocado, restritivo e um dos responsáveis pela maternidade compulsória, conforme se percebe nas capturas de tela ao lado.



Os últimos comentários do âmbito da recepção ganharam menos reações e se posicionavam diante dos tipos de resposta mais recebidos. Entre eles, a narrativa da participante Bartira funciona como resumo:

Ler esses comentários me comprovou algumas coisas: mulheres ainda não têm direito a todas as escolhas; mulheres não respeitam as escolhas de outras mulheres; falta sororidade; colocam Deus em tudo quanto é debate; e por último e não menos absurdo, interpretação de texto não é o forte de muita gente (duas curtidas).

É possível entender que Bartira se refere à capacidade de empatia diante de opiniões distintas da própria em relação à maternidade que, na perspectiva de Rago (1998), constituem narrativas de enfrentamento, novos modos de encará-la.

### Considerações Finais

Ao negar crenças associadas pela ideologia maternalista (ou pelos pressupostos ideológicos patriarcais) àquelas que não querem a maternidade, a página Quartinho da Dany, por meio do *post* “Mulheres que não desejam filhos”, efetua uma ruptura em performances que colocam o ímpeto materno como indistintamente benéfico, rompendo com a imagem de mulher “errada” atribuída às que não almejam ser mães.

Os eixos discursivos mais presentes ao longo dos comentários no âmbito da recepção foram: o do respeito às experiências e planejamentos pessoais alheios; o da crítica ao movimento childfree, seguido pela abordagem da mesma temática; o das denúncias ao preconceito e animosidade enfrentados por mulheres que não pretendem ser mães; o do apoio de mães a essas mesmas mulheres; o da crítica de mães a elas,

rebatidos por narrativas sobre amor próprio e maternidade compulsória; o do retrato da maternidade como experiência restritiva por mulheres que não querem filhos (e até por algumas mães); o do retrato da maternidade como experiência que não impede demais atividades, sustentado majoritariamente por mães; o de que, apesar de difícil, a maternidade compensa; e o discurso religioso que conforta e justifica a maternidade, rebatido por narrativas sobre respeito às escolhas alheias e maternidade compulsória.

As *affordances* mais utilizadas nesse mesmo âmbito foram: publicar, editar e responder comentários; curtidas e reações de ‘amei’, ‘triste’ e ‘haha’; uso de emojis. Já no âmbito da produção, as *affordances* acionadas foram as de publicar a postagem em modo público, visível para qualquer um com acesso a seu link, e mesclar elementos textuais e gráficos, sendo este último uma figura feita pela própria página.

A coexistência entre diferentes posicionamentos e projetos de vida em relação à maternidade foi consequência tanto do conteúdo do *post* quanto de um movimento de mulheres que, como Dany Santos, usam as mídias digitais para problematizar a questão materna. Conflitos e tensões se misturam em redes apoio e interesses particulares, trazendo, ainda que franzina, a possibilidade de desconstruir paradigmas maternalistas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, I. 48% das mães brasileiras perdem o emprego após a licença-maternidade. **Observatório 3º Setor**, 28 nov. 2017. Disponível em: <<http://observatorio3setor.org.br/noticias/48-das-maes-brasileiras-perdem-o-emprego-apos-licenca-maternidade/>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

BADINTER, E. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BOYD, D. Social Network Sites as networked publics: Affordances, Dynamics, and implications. In: PAPACHARISSI, Z. (Ed.). **A Networked Self: Identity, Community and Culture on Social Network Sites**. London: Routledge, 2011.

COSTA, J. F. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidade no Brasil Colônia**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

DONATH, O. **Mães Arrependidas: uma outra visão da maternidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

FISCHER, R. M. B. Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre os modos de enunciar o feminino na TV. **Estudos feministas**, v. 9, n. 2, p. 586-599, 2001.

FREIRE, M. M. L. **Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

---

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HERRING, S. C. Discourse on Web 2.0: Familiar, reconfigured, and emergent. In TANNEN, D.; TRESTER, A.M. (Eds.). **Discourse 2.0**: Language and new media. Washington D.C.: Georgetown University Press, 2012. p. 16-41.

MÃE desabafa sobre maternidade real e causa comoção na internet. **Catraquinha**, 07 nov. 2016. Disponível em: <<https://catraquinha.catracalivre.com.br/geral/familia/indicacao/mae-desabafa-sobre-maternidade-real-e-causa-comocao-na-internet/>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

MARTINS, T. Mercado de trabalho fecha portas para grávidas e mães com filhos pequenos. **Correio Braziliense**, 04 mar. 2018. Disponível em: <[https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/euestudante/tf\\_carreira/2018/03/04/tf\\_carreira\\_interna\\_estudante/tf\\_carreira/2018/03/04/tf\\_carreira\\_interna,663783/mercado-de-trabalho-fecha-portas-para-gravidas-e-maes-com-filhos-peque.shtml](https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/euestudante/tf_carreira/2018/03/04/tf_carreira_interna_estudante/tf_carreira/2018/03/04/tf_carreira_interna,663783/mercado-de-trabalho-fecha-portas-para-gravidas-e-maes-com-filhos-peque.shtml)>. Acesso em: 08 jul. 2018.

MENDONÇA, M. C. **A maternidade na publicidade**: uma análise quantitativa e semiótica em São Paulo e Toronto. 2014. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica, 2014.

NÚMERO de mulheres que decidem não ter filhos atinge o maior índice dos últimos dez anos. **Globo.com**, 16 set. 2016. CBN. Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/editorias/pais/2016/07/16/NUMERO-DE-MULHERES-QUE-DECIDEM-NAO-TER-FILHOS-ATINGE-O-MAIOR-INDICE-DOS-ULTIMOS-DEZ-AN.htm>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

O'REILLY, A. "It saved my life": The National Association of Mothers' Centres, Matriocentric Pedagogy and Maternal Empowerment. **Journal of the Motherhood Initiative for Research and Community Involvement**, 2013, v. 4, n.1, p.185-209.

POLIVANOV, B.; SANTOS, D. Términos de relacionamento e Facebook: desafios da pesquisa etnográfica em sites de redes sociais. In: CAMPANELLA, B.; BARROS, C. (Orgs.). **Etnografia & Consumo Midiático**: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-papers, 2016. p. 179-198.

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. In: GROSSI, M. P.; PEDRO, J. M. (Orgs.). **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. p. 21-41.

SIMMEL, G. **Sociologia**. In: MORAES FILHO, E. (Org.). São Paulo: Ática, 1983.

SOUZA, A.L.F.; POLIVANOV, B. "Sabe o que Rola nessa Internet que Ninguém Fala?": Rupturas de Performances Idealizadas da Maternidade no Facebook. **Anais Eletrônicos Intercom**, 2017.

TOMAZ, R. Vendem-se conselhos: poder pastoral, mídia e maternidade. **Rizoma**, v. 4, n. 1, p. 196-207, 2016.

VELASCO, C. Em 10 anos, Brasil ganha mais de 1 milhão de famílias formadas por mães solteiras. **Globo.com**, 14 maio 2017. Economia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/em-10-anos-brasil-ganha-mais-de-1-milhao-de-familias-formadas-por-maes-solteiras.ghtml>>. Acesso em: 08 jul. 2018.